



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A CATEGORIA TRABALHO

Lucineide Santos Silva*
(UESB)

José Rubens Mascarenhas de Almeida**
(UESB)

RESUMO

Ao longo da história, o Trabalho possibilitou à humanidade a superação de vários limites na busca da reprodução da vida humana e alcançou estágios eficazes para uma crescente racionalidade que garantiu as prerrogativas teleológicas e ontológicas nos processos de sua construção social. Karl Marx, pensador do século XIX, aplicando o método do materialismo histórico, trouxe à tona a discussão sobre o Trabalho colocando-o como categoria central do mundo dos homens que ao transformarem a natureza, se transformam continuamente.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho, Natureza, Conhecimento

INTRODUÇÃO

O conceito de trabalho, desde a origem da humanidade até os nossos dias, vem sofrendo alterações. Segundo Alves (2009), na antiguidade clássica, o trabalho se desenvolveu na relação entre escravos e servos e as classes aristocráticas, que detinham o poder da terra e a produção material dela advindo.

* Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

** Doutor em Ciências Sociais pela PUCSP; docente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia; pesquisador do Museu Pedagógico/UESB e do Núcleo de Estudos de Ideologia e Lutas Sociais (NEILS) – PUCSP.

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Até o século XVII, o trabalho foi considerado símbolo de injúria, desprezo e inferioridade, criando e legitimando a sua divisão social. Isso nos reporta ao termo *tripalium*¹¹², que foi cunhado para conceituar o termo trabalho como um instrumento de tortura formado por três paus entrecruzados para serem colocados no pescoço de alguém e nele produzir desconforto. Contudo, essa conceituação do trabalho foi ganhando novos significados, na medida em que o homem foi, cada vez mais, desenvolvendo sua forma de se relacionar com a natureza. Segundo Sávtchenko (1987), o homem atingiu o auge da racionalidade, na qual foi possível desenvolver técnicas e criatividade capazes de transformar o trabalho em uma atividade racional através de uma melhor adaptação dos objetos da natureza. Acrescenta o autor o papel do trabalho na vida humana não se limita apenas a satisfazer as suas necessidades, vai muito mais além. O sentido do trabalho enfatiza uma reciprocidade de transformações que permitem mudanças de caráter estrutural no homem e na natureza. Assim, assevera,

[...] o papel do trabalho na vida dos homens não se reduz de modo algum, a ser condição indispensável de existência e de desenvolvimento do homem e a fonte de crescimento da sua força e riqueza. Ao atuar sobre a natureza, ao trabalhar, o homem transforma-se, desenvolvendo ao mesmo tempo, a sua cultura material e espiritual e as suas aptidões físicas e espirituais (1987, p.07).

Engels (1986), ao analisar essa relação, nos indica o alcance do conhecimento da sociedade humana que, através dos processos de trabalho, trava uma relação estreita com a natureza, usufruindo de seus bens e proporcionando os meios de trabalho para a sua produção material.

¹¹² Do latim tardio, um instrumento romano de tortura, uma espécie de tripé formado por três estacas cravadas no chão, onde eram supliciados os escravos. Reúne o elemento *tri* (três) e *palius* (pau) – literalmente, “três paus”. Daí derivou-se o verbo *tripaliare* (ou *trepaliare*) que significava, inicialmente, torturar alguém no *tripalium*, o que fazia do “trabalhador” um carrasco, e não a vítima de hoje em dia. Fonte disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Tripalium>. Acessado em 15/06/2011.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Sávtchenko aponta características do trabalho, entre as quais, pauta-se a fabricação dos meios (instrumentos) para a criação de produtos, adaptando a natureza aos seus objetivos propostos, o que diferencia o homem de maneira abissal dos animais. Outra característica importante diz respeito ao trabalho enquanto relação social. Nesse sentido, afirma o autor que “os homens criaram sempre em conjunto os seus meios de existência, e não isoladamente (1987, p.14). Assim, o trabalho se completa em duas dimensões mediadas entre a subjetivação intrínseca ao próprio sujeito e à objetivação que é a materialização do trabalho realizado através do produto enquanto resultado da transformação da natureza. Entretanto, a produção social do trabalho não opera na base do caráter naturalizante. Para o autor

No processo de produção, distribuição, troca e consumo dos bens materiais surgem determinadas relações sociais entre os homens independentemente de sua vontade e consciência, denominadas relações de produção. Só no quadro dessas relações sociais é que existe a produção e se realiza o trabalho dos homens. Elas dependem diretamente da forma de propriedade dos meios de produção (SÁVTCHENKO, 1987, p.14).

Assim, o sentido ontológico do trabalho é dado pela formação socioeconômica da sociedade. Nas relações capitalistas, predominam as relações de produção a partir do seu antagonismo de classes, fundado na concepção da propriedade privada e na divisão social do trabalho. Como ressalta Sávtchenko,

a divisão do trabalho dentro da empresa é a repartição das tarefas entre as pessoas em função das suas profissões e especialidades: fundidor de aço, mineiro, carpinteiro, artista, ricksha, etc... Com o desenvolvimento das forças produtivas essas relações aumentam sua complexidade (1987, p.21).



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Assim, é possível inferir que o debate em torno da categoria trabalho tem ocupado um lugar central nas discussões entre os teóricos, sobretudo nas Ciências Sociais, que buscam entender, a partir das transformações ocorridas no interior das relações de produção, o que coube à classe trabalhadora nesse processo de transfiguração do trabalho.

Segundo Lessa (2007), o vocábulo trabalho ganhou nova dimensão a partir da década de 1980, quando se iniciou uma tendência à afirmação de uma possível redução do operariado industrial, sobretudo nas sociedades capitalistas avançadas. Por conta disso, muitos intelectuais deram “adeus ao proletariado”, ou seja, renunciaram o “fim da classe operária” sem, contudo, compreender que o momento de rupturas e transição entre períodos profundamente diferenciados, sem entender que o capitalismo impunha uma nova concepção do trabalho, desfigurando seu sentido ontológico e o subjugando a uma divisão social que hierarquiza e enrijece as relações em todas as esferas da sociedade.

Para cada modo de produção há, portanto, um equivalente modo de organização do espaço, também contextualizado histórica e conjunturalmente. No presente estudo, cingir-nos-emos à discussão da categoria trabalho para entendermos sua gênese. E, nesse sentido, entender o caráter ontológico, político e sociológico da categoria trabalho, levando em conta a necessidade de se reportar ao materialismo histórico, cujos pressupostos epistemológicos contribuíram para se pensar as relações sociais. A partir daí, apreender como a reprodução das condições materiais de existência da sociedade foi se efetivando na prática, o que implica conhecer a sociedade capitalista e seu processo de organização social.

Segundo Frigotto (2009), a categoria trabalho é polissêmica, pois seu conceito e significado partem de diferentes perspectivas e concepções que vão desde o pensamento liberal clássico às ideias de Marx e Engels. Segundo o autor, os liberais clássicos aportavam seu significado a uma relação entre os insumos



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

aplicados e o resultado da produção no sentido de justificar a apropriação e a acumulação de capital. Em Marx, o diferencial é estrutural do ponto de vista de sua gnosiologia, permitindo inferir que a categoria trabalho, da forma que está posta na sociedade capitalista, possibilita a extração da mais-valia e impõe nas relações de produção a contradição capital/trabalho, ou seja, a expropriação da mão-de-obra pelo capital. Isso conduz os homens à compreensão e apreensão da realidade a partir de uma falsa consciência e de uma linguagem ideológica que lhes impõe um processo de alienação. Frigotto afirma que se deve compreender e tratar as relações de produção e reprodução sociais, a linguagem, a cultura e o pensamento de forma histórico-dialética para entender, efetivamente, o trabalho no campo contraditório da práxis e num determinado tempo e contexto histórico. A partir dos estudos de Marx e Engels (1982), o autor enfatiza que esses estudiosos deram rigor científico para entender essa categoria trabalho na sua totalidade.

Os estudos de Marx acerca do trabalho permeiam toda a sua obra desde os escritos filosóficos, econômicos e políticos, até seu estágio de maior maturidade, com destaque para a famosa passagem do capítulo V de O Capital:

Antes de tudo, o trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza. Defronta-se com a natureza como uma de suas forças. Põe em movimento as forças naturais de seu corpo – braços e pernas, cabeça e mãos –, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana. Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica sua própria natureza. Desenvolve as potencialidades nela adormecidas e submete ao seu domínio o jogo das forças naturais. Não se trata aqui das formas instintivas, animais, de trabalho. Quando o trabalhador chega ao mercado para vender sua força de trabalho, é imensa a distância histórica que medeia entre sua condição e a do homem primitivo com sua forma ainda instintiva de trabalho. Pressupomos o trabalho sob forma exclusivamente humana. Uma aranha executa operações

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

semelhantes às do tecelão, e a abelha supera mais de um arquiteto ao construir sua colméia. Mas o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade. No fim do processo do trabalho aparece um resultado que já existia antes idealmente na imaginação do trabalhador (MARX, 2006, p. 211- 212).

Por conseguinte, Marx aponta uma perspectiva teleológica da categoria trabalho, o que quer dizer consciente, pois se apresenta como categoria fundante do mundo dos homens, colocando-se como resultado de algo pensado e imaginado anteriormente, distanciando qualquer possibilidade de igualar o ato humano ao do animal, pois a transformação da natureza pelo homem se dá numa relação socialmente construída e elaborada. Contudo, o resultado cada vez mais eficaz do ato de trabalho não se dá da noite para o dia. É necessário que se chegue a um estágio de aperfeiçoamento sobre suas variadas fases com o intuito de alcançar uma eficácia crescente nessa operação teleológica. Atribui-se, portanto, ao ser humano o papel central da realização de tal tarefa, pois só ele é capaz de, conscientemente, organizar o ato de trabalho levando-o ao estágio de racionalidade. Com efeito, essa razão só é possível no processo social de trabalho, na medida em que se torna necessária uma reprodução a partir de rupturas. Isso se dá através de longas etapas no processo de apropriação do conhecimento, possibilitando a construção de novas sínteses (CARVALHO, 2008).

A partir do momento em que o homem toma posse da natureza, que a domina e pode transformá-la, é que o trabalho passa a ser fonte direta dos valores de uso. Nesse sentido, é correto afirmar que o trabalho é uma categoria fundante da sociedade humana como também está certo Lukács (2010), ao entender o trabalho a partir de princípios básicos sem os quais a aplicação do método não é possível, visto que a categoria totalidade é central para interpretar essa ação enquanto uma prerrogativa principal a para produção do conhecimento, por

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

justapor as partes com o todo, numa relação dialética. A totalidade, enquanto categoria analítica, permite visualizar o sujeito histórico numa posição central no processo de produção, levando em consideração as demais variantes.

Essa condição confere ao trabalho a posição de centralidade ontológica do ser social em Marx. Assim, o trabalho não é uma categoria solta, desvinculada da realidade social, ou até mesmo a fonte de toda riqueza, como queriam conceituar os lassalianos¹¹³ quando elaboraram o Programa de Gotha e estabeleceram essa separação entre trabalho e natureza, omitindo as condições objetivas do trabalho, que nos remete a entender se tratar de uma sociedade sem classes, sem contradições e resistência. Os lassalianos, ao afirmarem em seu enunciado que o trabalho é a fonte de toda riqueza, deduz-se que basta possuir a força de trabalho, que se terá a possibilidade de riqueza (MARX, 1982). É como se dissesse ao trabalhador: você pode produzir trabalho, isto é, riqueza pra você. Concretamente, sociedade e trabalho se realizam mútua e simultaneamente, desenvolvendo uma íntima relação, e, nessa mesma sociedade ligada ao trabalho ocorre também ócio e acumulação para alguns e a exploração de outros. Em *Crítica ao Programa de Gotha*¹¹⁴, Marx elabora a concepção contrária ao pensamento lassaliano acerca da categoria trabalho e esboça um programa tático-estratégico para pensar a sociedade socialista.

¹¹³ Partidários e seguidores do socialista pequeno-burguês alemão Ferdinand Lassalle, membros da União Geral Operária Alemã, fundada em 1863 no Congresso das Sociedades Operárias, em Leipzig. O primeiro presidente da UGOA foi Lassalle, que formulou o programa e os fundamentos da tática da União. A luta pelo sufrágio universal foi proclamada programa político da UGOA, e a criação das associações operárias de produção, subvencionadas pelo Estado, figurou como seu programa econômico. Lassalle e os seus partidários apoiavam, na sua ação prática, a política de grande potência de Bismarck. Marx e Engels criticaram repetidas vezes, e severamente, a teoria, a tática e os princípios de organização do lassalianismo, que consideravam como uma corrente oportunista no movimento operário alemão. Fonte disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/l/lassalianos.htm>. Acessado em 18/06/2011.

¹¹⁴ Em 1875, quando o Partido de Lassalle concordou em fundir-se com a organização operária liderada por Wilhelm Liebknecht e August Bebel, próximos de Karl Marx, este último ficou indignado ao descobrir que o Programa aprovado em uma reunião em Gotha continha mais ideias lassalianas do que marxistas. Escreveu, então, uma crítica completa desse programa, publicada com o título *Crítica ao Programa de Gotha* (KIERNAN, 1988, p. 211).



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

O processo de trabalho consiste na articulação entre seu objeto, o meio de trabalho, a força de trabalho e o produto. E, para que haja esse produto – o elemento teleológico, o projeto ou o objetivo consciente –, é necessário que se estabeleça, em última instância, a relação do homem com a natureza. Assim, o trabalho útil e produtivo não é apenas aquele que produz mais-trabalho e que reproduz a riqueza de alguns. Esse processo chega às vias de fato através da razão como estágio superior do aperfeiçoamento e eficácia da consciência. Nesse sentido, Carvalho (2008, p. 31) afirma “que a razão se internaliza e se desenvolve como uma faculdade na consciência dos homens, tendo sua gênese principal no processo social de trabalho”. Portanto, na consciência dos homens, pode-se perceber que o campo da memória funciona enquanto uma mediação que resulta numa continuada e indissolúvel relação entre homem, natureza e sociedade por meio do trabalho.

Assim, Marx (2006) exercita o método, partindo de categorias simples, abstratas, que explicam a materialidade das relações capitalistas até chegar a um processo abstrato nessas relações. A partir do livro III, onde demonstra, de forma mais efetiva, como o capital entra no processo de produção e circulação da mercadoria em relações mais complexas, situação em que se conecta o trabalho abstrato e sua dinâmica de extração da mais-valia. Com isso, cumpre salientar que é possível rever o sentido ontológico do trabalho, metamorfoseado em um duplo sentido. Sendo assim, se estabelece uma relação dialética entre homem e natureza, segundo Marx, na medida em que o homem transforma esta, transforma a si próprio quando se apropria de novas experiências e atribui a si mesmo novos conhecimentos. O trabalho é um ato ontológico e teleológico, pois está na essência de sua vida e se coloca na perspectiva da racionalidade, o que lhe permite produzir os valores de uso a partir de suas necessidades. Entretanto, Marx (2006) chama a atenção à forma de apropriação dos meios de trabalho em cada tipo de sociedade, e

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

aponta que o que diferencia, em cada momento histórico, não é o que se faz, mas como e com que meios de trabalho se faz. Em outras palavras, o que varia, historicamente, é a modalidade de organização dos homens para transformar a natureza: variam ao longo da história os objetos produzidos a partir dos elementos naturais bem como os meios empregados nessa transformação, mas permanece o fato de que a reprodução da sociedade depende da existência da natureza. Isso continua sendo válido mesmo para a sociedade capitalista mais avançada no preciso sentido de que, sem a transformação da natureza, o capital produzido ou valorizado pela exploração do trabalho abstrato não poderia sequer existir. O que a sociedade burguesa tem de novo frente às formações sociais pré-capitalistas não inclui o desaparecimento do trabalho, mas sim sua subsunção ao capital.

Na sociedade capitalista, o trabalho ganha nova dimensão, o que Marx (2006) explica como a forma simples de apropriação da natureza para produzir valores de uso, como parte intrínseca da vida humana e não se estabelece uma relação de trabalhador a trabalhador e que o valor de uso é a condição para o trabalho reaparecer em forma de mercadoria na sociedade capitalista. Portanto, “o gosto do pão não revela quem plantou o trigo, e o processo examinado nada nos diz sobre as condições em que ele se realiza sob o látigo do feitor dos escravos, ou sob o olhar ansioso do capitalista [...]” (MARX, 2006, p. 218).

Na lógica do capital, valores de uso intrínsecos à vida humana caminham em nova direção na medida em que as relações de produção se tornam mais complexas. Assim, no pensamento de Marx, vão sendo introduzidas categorias mais aprofundadas e dialéticas para se entender essas relações: os conceitos de trabalho abstrato e concreto, trabalho morto e trabalho vivo, fetiche da mercadoria que identifica, no estágio do desenvolvimento das forças produtivas, as relações de exploração do trabalhador, aquele que vende sua força de trabalho num processo de alienação. O autor trabalha com a categoria de mais-valia relativa onde



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

demonstra que o que muda não é a duração da jornada de trabalho, mas seu modo de repartir-se em trabalho necessário e trabalho excedente.

O conceito de crise em Marx é uma categoria chave para entendermos o processo de desenvolvimento capitalista. Nesse estágio de desenvolvimento das forças produtivas, há um processo de acirramento do antagonismo de classe, onde as relações de exploração e alienação do trabalho se tornam mais evidentes. O trabalho não é considerado pelo trabalhador como uma manifestação de sua vida; pelo contrário, sua vida começa e se deteriora no senso comum, fortalecendo e proliferando as relações opressoras de classe e ampliando a concepção pequeno-burguesa. A classe trabalhadora, segundo Marx, é a única capaz de levar a cabo o projeto revolucionário, mas é marcada, ideologicamente, pela dominação de classe. Assim, a mercadoria se torna o mote nessas relações, evidenciando assim o seu fetiche. Nesse sentido, enfatiza que “concretamente a produção material da vida imediata concebe a forma das relações humanas ligada a este modo de produção e por ele engendrada” (MARX e ENGELS, 1982, p. 48).

Partindo dessa premissa, o trabalho tem uma posição central para a produção da vida material do homem, pois, só através dele é possível fazer a mediação entre homem e natureza observando todos os elementos de contradição que são impostos pela sociedade capitalista. Para tanto, Marx se propõe a analisar a sociedade capitalista não na perspectiva do fenômeno isolado, fragmentado em sua aparência como se coloca na sociedade, mas inseri-lo na sua totalidade para melhor compreender a sociedade. O seu diálogo com Ricardo e Smith¹¹⁵ exemplifica bem essa questão quando busca metamorfosear a aparência e a essência para explicar o trabalho na sociedade capitalista e mostra, claramente, que os dois economistas clássicos têm uma visão fenomênica da propriedade privada e da mercadoria.

¹¹⁵ Clássicos da economia inglesa do século XVIII.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

A esse respeito, reforça Engels, ao concordar com os economistas clássicos, entende que toda riqueza provém do trabalho, mas acrescenta que é muito mais do que isso: “é o fundamento da vida humana” (1986, p. 19). Em Engels, é possível observar que a trajetória histórica que levou nossos ancestrais ao seu estágio mais evoluído, à condição de homo sapiens, foi, fundamentalmente, o trabalho, em seus estágios de aperfeiçoamento e ampliação de seus laços societários. Tais estágios possibilitaram as novas configurações nas relações sociais, trazendo as regras, o domínio, o aparecimento das nações e os Estados. Na sequência, veio a política, a religião, o direito. Engels assegura que

a rapidez com que a civilização progredia foi atribuída exclusivamente à cabeça, ao desenvolvimento e à atividade do cérebro. Daí os homens terem se habituado a explicar seus atos pelos pensamentos, em vez de entendê-los através de suas necessidades (refletidas, naturalmente, na cabeça que delas vai tomando consciência gradativamente) (1986, p. 30).

Os teóricos do materialismo histórico buscam compreender o papel desempenhado pelo trabalho, no passado e no presente, nas relações sociais. Discutir a partir dessas premissas é importante, pois pode trazer contribuições e evidenciar o trabalho nas relações de produção que se estabeleciam no contexto dos anos 1950, fundamentando a pesquisa produzida para o Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia: A Memória do Trabalho: Rio de Contas Segundo Marvin Harris, possível somente a partir das premissas do materialismo histórico, que permitiu aplicar categorias de análises desse método para entender o contexto das relações sociais engendradas no município de Rio de Contas nos anos 1950 e como se deu o processo das relações de trabalho do período.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

REFERÊNCIAS

- ALVES, Ana Elizabeth Santos; LIMA, Gilneide de Oliveira Padre; CALVANTI, Manoel Nunes Jr. (Org.). **Interfaces entre história, trabalho e educação**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2009.
- CARVALHO, Edmilson. **A produção dialética do conhecimento**. São Paulo: Xamã, 2008.
- ENGELS, Friedrich. **O Papel do trabalho na transformação do macaco em homem**. Rio de Janeiro: Global, 1986.
- FRIGOTTO Gaudêncio. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro: ANPed, 2009. v. 14, n. 40.
- KIERNAN, V. G., s. v. **Lassalle**. Dicionário do pensamento marxista. In: BOTTOMORE, Tom (Editor). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1988, p. 211.
- LESSA, Sérgio. **Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo**. São Paulo: Cortez, 2007.
- LUKÁCS, György. **Prolegômenos para uma ontologia do ser social**. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MARX, Karl. **O capital: Crítica da Economia Política**. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 2006.
- _____. **Crítica ao Programa de Gotha**. Lisboa-Moscovo: Edições Progresso, 1982.
- MARX, Karl, e ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Volume I. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- SÁVTCHEKOV, P. **O que é o trabalho?** Abc dos conhecimentos sociais e políticos. Moscovo: Edições Progresso, 1987.